

Assunção

DO PARAGUAI

Assunção, março — "Hay que dar la espalda a las ciudades..." disse o atual presidente do Paraguai, sr. Frederico Chaves; o que é o mesmo que dizer, como se disse no Brasil, "rumo ao campo". O censo feito (muito mal) o ano passado, ainda não foi apurado, e não se sabe quantos habitantes tem o Paraguai: talvez 800 mil, talvez um milhão e tanto. Em todo caso Assunção deve reunir 20 a 25 por cento da população total. E no Paraguai, como aqui, o governo pretende combater o êxodo rural por meio de frases.

As questões demográficas são mais importantes no Paraguai que em qualquer outra parte do mundo. Vamos dizer, por exemplo, que antes da guerra com a Tríplice Aliança (a nossa "guerra do Paraguai") o país tinha pouco mais de 1.300.000 habitantes, e perdeu um milhão. As estatísticas daquela época nos merecem tanta fé como as de hoje, e é provável que esse cálculo, comumente admitido, seja exagerado. Ele exprime, entretanto, a desolação dessa derrota espantosa. Não foram apenas as criaturas humanas que morreram: também um rebanho calculado em 7 milhões de cabeças de gado. Uma canção guarani diz que "depois da guerra grande só restaram de nossa pátria o céu e a terra".

A guerra pequena (contra a Bolívia) custou 30 a 35.000 vidas. Mas o que é difícil é saber quanto têm custado ao Paraguai as revoluções; mais importante que o número de pessoas mortas direta ou indiretamente nesses inumeráveis movimentos deve ser o de homens que se exilaram. Um grande número deles foi se fixando em outros países, como o Brasil, o Uruguai, e principalmente a Argentina. Depondo as armas na fronteira, esses homens vão trabalhar na enxada. Encontram segurança e também um nível de vida mais elevado: a maioria talvez fique para sempre.

Neste momento quantos paraguaios vivem no estrangeiro para onde foram por motivos políticos? Ouvi muitos cálculos, alguns enormes, de centenas de milhares; o mais modesto foi de 40 mil. Fiz a pergunta às autoridades da República, e elas não me responderam — como, de resto, não responderam a coisa alguma.

Está claro que essa emigração política é um luxo monstruoso para um país pobre de braços como o Paraguai; e não é preciso dizer que a Argentina, principal beneficiária, tem todo o prazer em guardar em suas províncias do Norte essa massa de trabalhadores rurais; o mesmo se pode dizer de nossos Estados do Paraná e Mato Grosso.

Não seria difícil descobrir, na alma dêsse bravo e simpático povo longamente sacrificado, um certo ressentimento ("un resquemor") contra os vizinhos mais ricos — e contra o estrangeiro em geral. "Nunca debes acreditar em um europeu, seja de que nação fôr" — escrevia o estranho dr. Francia. E ainda hoje o povo diz, olhando os imigrantes espertos: "Dios en el cielo e el gringo en el Paraguay".

Mas o Paraguai tem sido também, e numa proporção talvez ainda maior que o Brasil, e tem sido às vezes de maneira dramática, uma vítima de suas elites. Seu povo o sente de maneira confusa e amarga ao mesmo tempo; as novas gerações vão batendo com a cabeça na parede e, sem chefes capazes, se lançam à mística de todos os golpes; o único fenômeno constante de sua vida política é a instabilidade. E se nesse ponto há perspectivas de melhora confesso que delas não vi, em parte alguma, o mais ligeiro sinal.

24/3/51

R. B.

116